

APOSTILA ANDANDO PELO RIO – PRAÇA FLORIANO E ARREDORES TEATRO MUNICIPAL E ARREDORES

Desde a época do Império já se clamava pela construção de um grande teatro nacional. O teatrólogo Arthur Nabantino Álvares de Azevedo já em fins da década de 1870 pregava nos jornais que a capital do Império do Brasil só possuía teatros de segunda ordem. Afora o Teatro São Pedro de Alcântara, na Praça da Constituição (hoje Praça Tiradentes) e o Teatro Lírico, na Rua da Guarda Velha (atual Treze de Maio), ambos pequenos e acaçapados, insuficientes para a demanda de público, nada mais tínhamos que não fossem casas adaptadas ou teatrinhos de coristas.

Em 1903, quando da remodelação da cidade durante a Presidência Rodrigues Alves, foi aberta a Avenida Central, cortando o coração urbano do Rio, demolindo trezentas casas e rasgando dezesseis ruas, com dimensões impressionantes para a época: 1.800m de extensão por 33m de largura, projetada pelo engenheiro Paulo de Frontin e com a colaboração do Prefeito Francisco Pereira Passos. Em fevereiro de 1912 tomaria o nome atual de Avenida Rio Branco, em homenagem ao Barão do Rio Branco, Ministro das Relações exteriores do Brasil em 1903/12, recém falecido.

Passos, aliás, pouco antes, tentara comprar o velho teatro São Pedro e reformá-lo, mas o Banco do Brasil, proprietário do imóvel, pediu preço muito elevado. Resolveu-se então erguer novo teatro, em terreno situado na Avenida Central, onde existia um conjunto de casas coloniais. Obtido o terreno doado pelo Governo da República, foi o projeto do teatro objeto de concurso público internacional, sagrando-se vencedores dois projetos arquiteturais. O primeiro, denominado "Isadora", era em estilo renascença francesa, do arquiteto francês Henry Guilbert, e foi inspirado na Ópera de Paris, projetada por seu mestre Charles Garnier. O segundo, apelidado "Águila", era do engenheiro brasileiro Francisco de Oliveira Passos, que era nada mais nada menos que filho do Prefeito Francisco Pereira Passos.

Resolveu-se então fazer uma fusão dos dois projetos. A fachada seria a de Guilbert, sendo o interior e o corpo do engenheiro Oliveira Passos. Em princípios de 1905 foi lançada a pedra fundamental e as obras começaram.

Durante a abertura dos alicerces, encontrou-se um barco português colonial enterrado, lembrança de quando aqueles chãos formavam uma imensa lagoa que abrangia inclusive o Largo da Carioca. Todos os alicerces foram feitos com toras de madeira, eternamente submersas no lodo e sem apodrecer até hoje.

Sendo naqueles tempos mais barato importar que fabricar, quase tudo no Teatro Municipal veio dos mais diversos recantos do mundo. Mármore de Itália e Egito, ônix da Argélia, bronzes da França, tijolos da Inglaterra, vitrais da Alemanha, etc. Somente em alguns detalhes externos como a escadaria e os portais, foi usado o gnaisse nacional que, aliás, foi tão bem trabalhado que não fez má figura.

Como o governo estava interessado em outras obras e a prefeitura idem, arrastaram-se os trabalhos do Municipal por quatro anos, contando aí as dificuldades de importação e transporte de tão preciosos detalhes vindos de ocidente e oriente. Em novembro de 1905, quando se inaugurou a Avenida Central, o teatro estava apenas com as paredes laterais levantadas.

O Prefeito seguinte, Marechal Francisco Marcelino de Souza Aguiar, que era também arquiteto, tendo projetado o prédio da Biblioteca Nacional, ao lado

do teatro, bem como o Palácio Monroe, fronteiro, levou adiante as obras, inaugurando tudo a 14 de julho de 1909. Fez a oração de abertura o poeta Olavo Bilac, sendo então encenadas duas pequenas peças nacionais. No dia seguinte o teatro foi ocupado pela companhia francesa de "Rejane", talvez mais ao gosto da sociedade da belle époque.

Muitos artistas de talento deram sua contribuição à decoração do teatro. Vale ressaltar as esculturas em bronze de Rodolfo Bernardelli que encimam o teatro, homenageando as artes, bem como a famosa águia, que encima a cúpula. Dentro, no corredor de acesso às cadeiras e camarotes, podemos ver os bustos de João Caetano, Carlos Gomes, Arthur Azevedo, Pereira Passos e Souza Aguiar, também devidos ao cinzel de Bernardelli. O pano de boca, foi pintado por Eliseu Visconti, na época considerado o maior artista nacional, com o tema "A Influência das Artes na Civilização", bem como o painel do proscênio homenageando o Rio de Janeiro e a magnífica pintura da abóbada, representando a "Dança das Oréadas", todas executadas em rigoroso pontilhismo. Rodolfo Amoedo executou as pinturas dos torreões laterais representando as danças antigas e modernas, bem como o escultor francês Mathurin Moreau, que fez os bronzes artísticos da entrada nobre.

Possui nosso Teatro Municipal a capacidade de 2.300 expectadores, a mesma da Ópera de Paris, que é entretanto, quatro vezes maior. Existia já em 1909 um sistema primitivo de ar condicionado, com enormes blocos de gelo e ventiladores possantes. O legítimo ar condicionado só foi instalado na reforma de 1934. Custou, segundo cálculos nunca confirmados, 100.000 contos de réis, o que correspondia a 4% do produto interno bruto da nação. O prédio foi tombado em 1972 pelo IPHAN.

Ainda hoje nosso Teatro Municipal (hoje, ironicamente administrado pelo Estado do Rio de Janeiro), é considerado dos melhores, mais ricos e elegantes do mundo.

Ao seu lado, na esquina seguinte à rua Treze de Maio, existiu no século XVII a famosa caixa d'água da cidade, cuja preciosa linfa era guardada por regimento formado por velhos e estropiados, daí o antigo nome de "Rua da Guarda Velha". No século XVIII, existiu no local da caixa um sobradão onde morou Da. Ana Theodora Mascarenhas Castelo Branco, cujo filho, José Justiniano Mascarenhas Castelo Branco seria o bispo do Rio de Janeiro, tendo o povo alcunhado aquele chão como "Largo da Mãe do Bispo", cognome que por alguns cariocas mais antigos ainda é conhecido o espaço fronteiro ao teatro. Demolida a velha casa com o alargamento da rua, de 1905 a 1937 no local existiu a "Fábrica de Chocolates Bhering", cujo odor era sentido em toda a praça. Demolida esta, levantaram em 1943 no seu local os elegantes edifícios do "Cordão do Bola Preta" (arquiteto Stélio Alves de Souza) e o "Darke de Mattos" (arqs. Santiago e Kiritchenco).

Em frente à "casa da mãe do bispo", surgiu ainda nos primórdios da cidade a Capela de Nossa Senhora da Ajuda, que em 1596 foi fechada por estar sendo usada para prática de "feitiçaria" pela população. A dita capela foi incorporada em 1742 aos terrenos do Convento Franciscano das freiras de Nossa Senhora da Ajuda, o primeiro cenóbio de mulheres do Rio de Janeiro, demolido em 1911. Em 1872, nos terrenos desse convento, surgiu a "Escola Pública da Freguesia de São José", prédio riquíssimo, em estilo neogótico, levantado com verbas obtidas para ereção de uma estátua em homenagem à

D. Pedro II, que recusou a oferta, destinando o dinheiro para construção de quatro prédios escolares, dos quais este foi um deles.

Uma vez demolido o Convento da Ajuda em outubro de 1911, tencionou-se levantar no lugar o "Palácio do Congresso Nacional", idéia logo abortada pela Primeira Guerra Mundial. Em 1919, os terrenos foram alienados ao empresário espanhol Francisco Serrador, que levantou naqueles chãos os primeiros arranha-céus de estrutura em concreto da cidade: Capitólio, Odeon, Pathé, etc. O povo então batizou a praça de "Cinelândia", apelido que perdura até nossos dias.

ELISEU D'ANGELO VISCONTI - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor, professor e design. Nasceu em Giffoni Valle Piana, Itália, em 1866, vindo para o Brasil com menos de um ano de idade. Adulto, matriculou-se na Academia Nacional de Belas Artes, onde ganhou o Prêmio de Viagem à Europa, em 1892, indo para a França, a estudos. Em Paris, foi aluno de Gasset, entrando em contato com o Impressionismo e o design art-nouveau; desde essa época até 1918, ano em que se fixou no Rio, abrindo atelier em Santa Teresa, alternou sua vida entre o Brasil e França. Um dos maiores coloristas brasileiros, pintou figuras, cenas de gênero e paisagens. A princípio, sofreu influências do Simbolismo e do Impressionismo, evidentes em obras como Gioventú (1898); São Sebastião (1899); e Maternidade (1906). Após uma fase de transição entre o Impressionismo e o Realismo (1909/12), tornou-se impressionista (1913/19), mas logo voltou à hesitação anterior (1920/30), para aderir definitivamente ao Impressionismo em sua última fase (1931/44). Seu período mais criativo situa-se entre 1913 e 1919, quando elaborou algumas de suas obras mais líricas e realizou pinturas pontilhistas da cúpula (Dança das Oréadas), pano de boca (Influência das Artes na Civilização) e prosclênio (Homenagem ao Rio de Janeiro) do Teatro Municipal do Rio, consideradas suas obras primas do gênero. Para o Palácio Pedro Ernesto realizou o gigantesco painel "Serviços Municipais", em 1923. Dedicou-se também às artes aplicadas, de conotação art-nouveau, tendo sido o pioneiro do design no Brasil (Cartaz para a Cerveja Antártica). Possui muitas obras no Museu Nacional de Belas Artes e dois belos quadros no Museu Chácara do Céu. Em São Paulo, possui suas obras o MASP e a Pinacoteca do Estado.

Morreu no Rio de Janeiro em 1944, como Diretor da Academia Nacional de Belas Artes.

OLAVO BRÁS MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC – DADOS BIOGRÁFICOS

Jornalista e poeta. Nasceu no Rio de Janeiro em 1865. Foi aluno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e de Direito de São Paulo, cujos cursos não concluiu. Em 1890, como correspondente do jornal A CIDADE DO RIO, dirigido por José do Patrocínio, viajou para Paris onde conviveu com Eça de Queirós. Em 1893, foi demitido pelo Presidente Floriano Peixoto do cargo que ocupava na Secretaria do Interior do Estado do Rio, sendo preso na Fortaleza da Laje, sob acusação de subversão. Bateu-se pelo serviço militar obrigatório, conseguindo sua aprovação em 1917. Fundou, no mesmo ano, a Liga da Defesa Nacional, para estimular o patriotismo entre os jovens. Autor da letra do hino à Bandeira. Aposentou-se como inspetor escolar, cargo para o qual foi nomeado em 1898 por Campos Salles. Membro fundador da Academia

Brasileira de Letras, em 1896. Em 14 de julho de 1909, pronunciou famoso discurso na inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde o definia como “A pedra mais preciosa da coroa da rainha das cidades”. Olavo Bilac é a figura mais representativa do parnasianismo no Brasil.

Obras: Poesias (impresso em Portugal, 1888); O Esqueleto (romance escrito em colaboração com Pardal Mallet e publicado em folhetins na Gazeta de Notícias, com o pseudônimo de Victor Leal, 1891); Tarde (poesias, obra póstuma).

Olavo Bilac faleceu no Rio de Janeiro em 1918.

HEITOR VILLA LOBOS - DADOS BIOGRÁFICOS

Compositor, nasceu no Rio de Janeiro em 1887, numa família de músicos, onde aprendeu as primeiras lições. Foi a maior afirmação da música brasileira. Iniciou-se na vida musical como violoncelista, atuando em orquestras de cafés-concerto e cinemas. Suas primeiras composições datam de 1908, mas somente a partir de 1917 sua obra se caracteriza pela busca dos valores técnicos e estéticos de uma arte puramente brasileira. Autodidata, pode-se afirmar que a construção de sua obra se deve em grande parte ao seu instinto de músico e ao seu extraordinário talento. Venerava Bach, que considerava superior a Mozart e Beethoven. É apontado como o maior músico das Américas, abrangendo sua obra todos os gêneros da criação musical. Do seu imenso catálogo, constante de quase oitocentas entradas, destacam-se os ciclos dos 14 “Choros”, das 09 “Bachianas Brasileiras”, 17 “Quartetos”, 12 “Sinfonias”, e mais “Trios”, “Quintetos”, e “Sonatas” para diversos instrumentos, além de um rico cancionário e de numerosas obras para conjuntos variados. A partir de 1932, com apoio oficial, consagrou-se na educação musical do povo, através do “Canto Orfeônico”, de que foram manifestações públicas as famosas concentrações cívicas que realizou no estádio do Vasco da Gama e na Esplanada do Castelo. Fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Música, era também detentor de inúmeros títulos honoríficos, entre os quais a Legião de Honra, da França, no grau de Comendador; os de doutor honoris causa pelas Universidades de Oxford e de Harvard e do Instituto de França, do qual era membro. Sua obra é uma visão sonora do Brasil, cuja música cultivou com a convicção e a sinceridade de um predestinado.

Morreu no Rio de Janeiro em 1959, após uma homenagem no Teatro Municipal.

PALÁCIO PEDRO ERNESTO

Desde 1896 o Conselho de Intendência Municipal ocupava o velho palacete da Escola Pública da Freguesia de São José, no Largo da Mãe do Bispo, exatamente onde hoje se ergue o Palácio Pedro Ernesto. O palacete, de belas proporções e em estilo neogótico manuelino, fôra reformado várias vezes, mas já em 1910 mostrava-se apequenado para abrigar os vinte e quatro intendentes municipais e seus quarenta e dois funcionários.

Ano seguinte, após concurso público de projetos, sagrou-se vitorioso o arquiteto Heitor de Mello (1882 - 1920), com os desenhos do atual prédio. Mello, aliás, tinha idéias grandiosas, pois tencionava situar na Praça Marechal Floriano o Congresso Nacional, em palácio bem parecido ao do congresso norte americano, em Washington, do qual o nosso edifício do Palácio Pedro Ernesto seria apenas um modesto apêndice!

Se tal idéia tivesse vingado, a avenida Rio Branco terminaria no enorme edifício cupulado, que lhe seria transversal, à semelhança do que ocorre na avenida de Maio, em Buenos Aires.

As más condições econômicas pelas quais o país atravessava, quando da presidência do Marechal Hermes da Fonseca (1910 - 1914), e as dificuldades encontradas na administração seguinte do presidente Wenceslau Brás (1914 - 1918), resultantes da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1919), irão acabar engavetando definitivamente a grandiosa idéia, à exceção da sede da Intendência, desengavetada em 1918. Aproveitou então Heitor de Mello para aprimorar alguns detalhes de seu projeto, tornando-o mais harmonioso.

No início da legislatura de 1919, a Mesa Diretora ordenou a transferência dos Intendentes para o edifício do Liceu de Artes e Ofícios, na avenida Rio Branco, demolindo-se, então, a sede velha. No ano seguinte, a União, no Governo Epitácio Pessoa, iniciou-se a construção da sede nova, mas não se pôde contar com a ajuda de Heitor de Mello, precocemente falecido.

Na segunda década do século, ainda perdurava um tipo de arquitetura inspirada em moldes do passado. O ecletismo dominava nas artes e o escritório técnico mais refinado nesse estilo era o de Heitor de Mello, responsável por algumas das mais belas construções do Rio antigo, ressaltando-se os antigos Jôquei e Derby Clube, na avenida Rio Branco, demolidos nos anos setenta e o próprio Palácio Pedro Ernesto, considerado por todos sua melhor obra. Fiscalizou e adaptou o projeto em suas modificações mais necessárias seu dileto discípulo, o arquiteto e professor da Escola Nacional de Belas Artes Archimedes Memória (1893 - 1960), autor, dentre outros projetos, do Palácio Tiradentes, sede da Câmara de Deputados, e das instalações do Jôquei Clube, na Gávea. Memória foi o descendente espiritual da influência francesa em nossa arquitetura oficial, se bem que o Pedro Ernesto tenha sido sua primeira grande obra, saiu-se bem e pode-se considerar como um de seus méritos o de ter sempre que possível haver respeitado o desenho de Mello. Aliás, depois dali, Memória acabaria dois anos depois por aderir ao novo estilo neocolonial, do qual foi ardoroso defensor, tendo, inclusive, influenciado seu discípulo, o arquiteto Lúcio Costa em seus primeiros anos.

Foi o desenhista da obra o pintor e aquarelista alemão Benno Treidler, autor das primorosas plantas, verdadeiras obras de arte, das quais sobrevive uma fachada, exposta na sala do Cerimonial. O construtor do Palácio foi o renomado Comendador italiano Antônio Januzzi (1853 - 1949), emigrado para o Brasil em 1873 e desde 1875 dono da maior construtora da cidade, no Morro da Viúva, no Flamengo, e que erguera os vinte principais palacetes na própria avenida Rio Branco e centenas de outros pela cidade. Januzzi era especialista em acabamentos refinados, e não media esforços para atingir a perfeição, tendo sido ele próprio renomado arquiteto e benfeitor da Cidade do Rio de Janeiro, onde doou à municipalidade o obelisco da avenida Rio Branco e projetos para inúmeras igrejas e associações de caridade da cidade, das quais nunca cobrou nada delas. O Palácio Pedro Ernesto seria, por sua vez, sua última grande obra, haja vista a cegueira que o acometeu em seus últimos anos de vida. Januzzi não poupou despesas, mandando vir mármore de Portugal, Bélgica, Itália, Egito e Argentina, tendo utilizado também, sempre que a situação o permitiu, o gnaisse facoidal do Morro da Viúva, vulgarmente conhecido como “pedra-de-galho”. Com tantos materiais nobres, fora obras de

arte encomendadas aos maiores artistas do país, Januzzi mandou importar operários e canteiros especializados, estourando o orçamento, que atingiu somas astronômicas.

Frustrando as previsões que estimavam aprontá-lo para as festas do centenário da Independência do Brasil, em 1922, as obras só terminaram em meados do ano seguinte, na gestão do Presidente Arthur Bernardes, que o inaugurou ainda faltando alguns acabamentos a 23 de julho de 1923, a um custo divulgado de 16 mil contos de réis, bastante discutido e ironizado pela imprensa, o que fez com que a população galhofeiramente o batizasse de “Gaiola de Ouro”, clara referência aos gastos efetuados, a cor do edifício e à colonata da fachada.

Que apelido então lhe dariam se soubessem que o custo total ficou em verdade para mais de vinte e três mil contos de réis, sete mil contos além do divulgado!

Em compensação, tínhamos a mais bela sede do poder legislativo nas Américas, sem rival, não havendo palácios oficiais que o iguallassem em harmonia, beleza e arte. Ornado com pinturas de Helios Seelinger, Augusto Rodrigues Duarte, Pedro Aurélio de Figueiredo e Melo, Eduardo de Sá, Pedro José Pinto Peres, Manuel da Cunha, Décio Vilares, E. Novak, João Timóteo, Rodolpho Amoêdo, Lucílio de Albuquerque, Carlos Oswald, Francisco de Paula, Eliseu D`Angelo Visconti, Carlos e Rodolpho Chambelland, Gustavo Dall`Ara, Oscar Pereira da Silva, bem como obras dos escultores Tito Bernucci, Petrus Verdier, Francisco Andrade, Almeida Reis, Corrêa Lima, Pinto dos Santos, Honório Peçanha, e dos franceses G. Polin e Barye, mobiliário que vai dos tempos coloniais abrangendo os estilos D. José I, Luís XV, Regência e Ecletismo, porcelanas inglesas, francesas e de Sévres, objetos artísticos diversos, vitrais fabulosos, ricas serralherias, afrescos de valor, raros acabamentos que tornaram o Palácio Pedro Ernesto num dos mais belos repositórios da arte brasileira nos últimos duzentos anos, só superado pelo gigantesco acervo do Museu Nacional de Belas Artes, que lhe é fronteiro.

PEDRO ERNESTO DO REGO BATISTA - DADOS BIOGRÁFICOS

Médico e político, nasceu no Recife em 1886. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tomou parte ativa nos movimentos “Tenentistas” de 05 de julho de 1922 e 1924, bem como na Revolução de 1930, sendo um dos fundadores e chefes civis do Clube 03 de Outubro. No ano seguinte ao da Revolução, foi nomeado por Getúlio Vargas prefeito do então Distrito Federal. Em sua polêmica gestão, construiu numerosas escolas, empreendeu obras de saneamento, reequipou e ampliou a rede hospitalar, construindo novos hospitais como o Getúlio Vargas, o Carlos Chagas, o Miguel Couto e o que receberia seu nome, a cuja inauguração não chegou a assistir. Foi o primeiro prefeito a subir uma favela no Rio, tendo legalizado as “escolas de samba”, cujo primeiro desfile oficial fez realizar na Praça XI de Junho (1933). Granjeou fama ao ter cuidado com sucesso de grave ferimento sofrido pela primeira-dama, Da. Darcy Vargas, que se acidentou em 1933 na estrada Rio-Petrópolis, tendo quase perdido a perna, salva por Pedro Ernesto, que contrariou todos os pareceres médicos da época. Fundou e liderou o Partido Autonomista, que preconizava a autonomia do Distrito Federal, do qual foi o primeiro prefeito eleito, no pleito de 1934. Acusado de ligações com grupos políticos de extrema esquerda, e de participação na Intentona Comunista de

novembro de 1935, foi cassado e preso no mesmo ano, conseguindo-se provar com facilidade sua inocência dessas acusações. Dois anos depois, filiou-se a UDN, apoiando a candidatura de Armando de Salles Oliveira à Presidência da República. Em 10 de novembro de 1937, com a promulgação da ditadura do Estado Novo, teve os direitos políticos novamente cassados e foi preso mais uma vez, sendo logo libertado.

Retirou-se então à vida privada, tendo falecido no Rio de Janeiro em 1942.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES - AVENIDA RIO BRANCO

A Real Academia de Artes e Ofícios, instituição fundada no Rio de Janeiro em 1816, com os artistas oriundos da Missão Artística Francesa, já trazia em sua bagagem, 42 obras de pintura dos grandes mestres europeus. Após a Independência, foi inaugurado o novo edifício, projetado em estilo neoclássico pelo arquiteto Grandjean de Montigny, na travessa das Belas Artes, próximo ao Campo da Lampadoza. Ampliado no segundo Império, estava já congestionado quando se resolveu edificar outro edifício na avenida Central, em 1903. Fez o projeto em 1904 o arquiteto espanhol e professor da Academia Adolpho Morales de Los Rios, inspirado na ala Visconti do Palácio do Louvre, em Paris. Duraram as obras quatro anos, sendo inaugurado o novo palácio em 1908. Sofreu, em 1930, importantes obras internas, refazendo-se a grande escada de acesso, sem, no entanto, se ter alterado a fachada. Em 1980 foram estes ambientes novamente restaurados e alguns recompostos ao seu estilo original.

Os medalhões ornamentais da fachada são de Rodolfo Bernardelli e os baixos-relevos, do inglês Spruce. Os mosaicos nos vãos das janelas são franceses. Os nichos, nunca receberam as estátuas que estavam previstas. No lobby, estão expostas esculturas que abrangem tendências dos últimos 150 anos. O piso é em delicadíssimos mosaicos.

Seu acervo, o quinto maior do mundo em número de obras de arte, ascende a 15.000 peças, que vão da idade média aos nossos dias. Da arte brasileira, a coleção é a mais completa, indo do século XVII ao XX. A parte sobre as obras acadêmicas brasileiras do século XIX é completa. Dois dos maiores quadros do mundo pertencem ao acervo da casa: a “Batalha do Avaí”, de Pedro Américo e a “Batalha dos Guararapes”, de Vítor Meirelles.

Inicialmente, funcionavam no mesmo edifício a Escola de Belas Artes e o seu Museu. Em 1937, o Museu foi tornado autônomo por decreto do Presidente Getúlio Vargas, tendo sido designado como diretor o pintor Oswaldo Teixeira, que exerceu essa função até 1960. Em princípio, não aceitavam no acervo obras de tendência moderna, proibição que caiu ainda em 1960. Em 1972 a Escola Nacional de Belas Artes foi para a Ilha do Fundão, ficando na Av. Rio Branco somente o Museu. Numa ala lateral, funcionou por muitos anos a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE).

ADOLFO MORALES DE LOS RIOS - DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, nasceu em Sevilha, Espanha, em 1858, estudando em Paris. Fixou-se no Rio de Janeiro no fim da década de 1880. Sua obra caracteriza-se por um exagerado ecletismo, com composições muito pessoais. Alguns críticos dizem ser seu o estilo “Moralino”. Sua produção foi muito vasta, com prédios marcantes para a cidade. Destacam-se: prédio do Museu Nacional de Belas

Artes, na avenida Rio Branco (1903-08); o antigo Supremo Tribunal Federal, idem (1903-08); Palácio São Joaquim, na Glória (1910-13); Petit Trianon, depois sede da Academia Brasileira de Letras (1922); e muitos outros mais. Foi professor da Academia, pintor, escultor, desenhista, poeta, historiador e design. Faleceu no Rio de Janeiro em 1928.

MANUEL DIAS DE OLIVEIRA BRASILIENSE (O ROMANO) - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor e professor. Nasceu na Vila de Santana do Macacu, Rio de Janeiro, a 22 de dezembro de 1763. No Rio de Janeiro, começou a aprender ourivesaria, mas a preteriu pelo desenho. Jovem, teve o apoio de um bondoso comerciante português que lhe propiciou a ida a Portugal. Verificou-se que já demonstrava singular talento para a pintura, pois, tendo falecido seu primeiro benfeitor, na cidade do Pôrto, onde estava o jovem fluminense, logo encontrou quem lhe custeasse a estada em Lisboa, dando prosseguimento mais intenso ao preparo artístico. Aperfeiçoou-se em seguida com Pompeo Battoni, na Academia de San Lucca, de Roma (advindo-lhe daí o apelido pelo qual ficou conhecido: o Romano). Nomeado regente da Aula Pública de Desenho e Figura, quando esta foi criada por Carta Régia de novembro de 1800, ali, não admitindo em suas aulas o ensino pela estampa, impôs o trabalho diante do modelo vivo. Trabalhou por 26 anos. Estabeleceu em casa aula de nu. Entre seus alunos cabe destacar Francisco Pedro do Amaral. Era um bom pintor de frutos, flores e natureza morta, e habilíssimo em trabalhos decorativos. A maior parte das decorações para a recepção de D. João VI foi trabalhada por ele. O seu desenho não tem grande elegância e correção, porém o colorido foi-lhe vibrante e claro. Com a chegada dos artistas franceses, da colônia de Lebreton (1816), a sua notoriedade sofreu seriamente. Também já estava cansado, velho e cheio de filhos. Desistiu da profissão. Retirou-se para a cidade de Campos, onde abriu um colégio de primeiras letras. Principais obras: A Caridade; Nascimento de Da. Maria; Milagre de Santa Isabel, Rainha de Portugal; Nossa Senhora da Conceição (todos no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro); Senhora de Santana (acervo da Casa da Moeda, em Santa Cruz); Retrato de D. João VI e Da. Carlota Joaquina (acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro); Retrato de D. João VI na Varanda da Coroação, em 1818 (hoje perdido).

O artista faleceu em Campos, no Rio de Janeiro, a 25 de abril de 1837.

JOACHIM LEBRETON - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor de história e professor. Nasceu em Saint Meel de Gäel, a 07 de abril de 1760. Clérigo teatino, abandonou o estado religioso com a Revolução Francesa. Ingressou no Instituto de França, na classe de Ciências Morais e Políticas, em 14 de novembro de 1795 e posteriormente, com a reforma desta instituição, na classe de Belas Artes, da qual se tornou secretário perpétuo a 05 de fevereiro de 1803. Luís XVIII o demitiu do cargo por protestar em termos violentos contra a devolução das obras de arte pilhadas pelos exércitos napoleônicos, exigida pelos italianos, ingleses e alemães. Logo depois entraria em contato com o Marquês de Marialva para a organização e chefia da Missão Artística Francesa. Com seus colegas, partiu de Le Havre a 22 de janeiro de 1816, a bordo do brigue americano Calpe. No Rio de Janeiro, pintou pouco e teve de se envolver em maquinações políticas as mais diversas para não

fracassar a Missão, combatida ferozmente pelos artistas portugueses. Suas obras, poucas, estão no acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Após a morte do Conde da Barca, protetor da Missão, retirou-se para uma casa na Praia do Flamengo, onde instalou atelier e dedicou-se a escrever um tratado sobre arte, obra que não concluiu.

Faleceu no Rio de Janeiro a 09 de junho de 1819.

NICOLAU ANTOINE TAUNAY - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor de história e professor, nasceu em Paris, a 10 de fevereiro de 1755. Descendente de tradicional família da Normandia e de Poitou, iniciou seu aprendizado artístico, em 1768, com o pintor Lépicié, freqüentando depois as aulas de Brenet e Casanova. Partiu para Roma, em 1784, a fim de aprimorar seus dotes nas belas-artes, que mais tarde exibiu em sucessivas exposições. Partidário de Napoleão, temendo as conseqüências da derrota de Waterloo (1814), decidiu integrar a Missão Artística Francesa (1815), que partia para “um belo país que o inspiraria”. Fez inspiradas pinturas da paisagem carioca, quase todas hoje no acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Morava na Floresta da Tijuca, onde montou fazenda e chegou a plantar café. Ao desmatar suas terras, descobriu a cascata que hoje leva seu nome. Pintor de História da Academia Imperial, ficou desgostoso com a hostilidade que enfrentou dos artistas portugueses, retirando-se para sua pátria em 1821.

Faleceu em Paris a 20 de março de 1830. Dentre as principais obras que deixou, destacam-se: Cena de um Desembarque Histórico no Largo do Paço (1816); Entrada da Barra Vista de Santo Antônio (1816); Largo da Carioca Visto de Santo Antônio (1816); Retrato de Jovem (1817); e outras.

FÉLIX EMÍLIO TAUNAY - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor. O segundo barão de Taunay, filho do pintor Nicolau Antoine Taunay, nasceu em Montmorency em 1795. Chegou ao Rio de Janeiro em março de 1816, aos vinte anos de idade, em companhia de seu pai, pintor de gênero e paisagem, e de seu tio, Augusto Taunay, escultor, ambos membros da Missão Artística Francesa.

Desenhista seguro, retratista e paisagista, ocupou de 1831 a 1851 a direção da Imperial Academia das Belas Artes, de que era professor de Pintura de Paisagem desde 08 de novembro de 1824, quando substituiu nessa cadeira a seu pai, que tinha voltado à França. Desde 24 de outubro de 1838 foi mestre de Desenho e Francês de D. Pedro II e suas augustas irmãs, função que acumulou com a de professor de Desenho quando do afastamento de Simplício Rodrigues de Sá. Em 1836 fez retratos da Família Imperial. Existem obras suas no Museu Nacional de Belas Artes e no Museu Imperial de Petrópolis.

Faleceu Taunay no Rio de Janeiro, a 10 de abril de 1881, com 86 anos.

JEAN BAPTISTE DEBRET - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor de história, aquarelista, professor e escritor, autor da famosa “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, nasceu em Paris, a 18 de abril de 1768. Iniciou seus estudos no Colégio Louis Le Grand e após concluí-los, seguiu para a Itália. Retornou a Paris em 1785, matriculando-se na Academia de Belas-Artes e, em seguida, nas Escolas de Pontes e Calçadas, e Politécnica, da qual se tornou professor de Desenho. Já era artista premiado no “salon”, primo do famoso pintor neoclássico francês Jacques Louis David,

quando, profundamente abalado com a morte de seu filho único e desejando mudar de ambiente, que se lhe tornou hostil após a queda de Napoleão, aceitou o convite de Lebreton em 1815 para incorporar-se à Missão Artística Francesa, chegando ao Rio de Janeiro ano seguinte. Entre nós, trabalhou inicialmente como pintor da cômte, tendo feito retratos e decorações festivas para diversas solenidades, enquanto esperava o início do funcionamento da tão propalada Real Academia de Artes e Ofícios, criada no papel pelo Príncipe D. João em 1816. Em seus momentos de folga, percorria a cidade desenhando e pintando aquarelas de tipos e aspectos urbanos, formando documentação riquíssima sobre o reinado de D. João VI, Independência e Primeiro Império. Começando a funcionar a Academia Imperial, dela tornou-se professor de história, iniciando o ensino artístico no Brasil. Defendia em bem humorados artigos de jornais o neoclassicismo e os artistas franceses. Entretanto, foi o primeiro a render homenagens aos artistas coloniais, levando seus alunos em visita às igrejas, em especial a da Ordem Terceira da Penitência, a qual admirava os labores esculpturados e a pintura de Caetano da Costa Coelho. Morava no bairro do Catumbi, onde montou atelier. Iniciou as exposições de arte no Brasil à partir de 1826. Deixou muitos quadros, a maior parte deles atualmente no acervo do Museu Nacional de Belas Artes.

Principais obras: Desembarque da Princesa Leopoldina (1817); Retrato de D. João VI (1818); Aclamação de D. Pedro I (1822); Coroação do Imperador (1822); todas no MNBA, bem como mais de quinhentas aquarelas, esboços e desenhos, espalhados pela coleção Castro Maia, Biblioteca Nacional, Instituto Moreira Salles e Museu Histórico Nacional. Desenhou a bandeira do Império do Brasil, bem com algumas comendas.

Após a renúncia de D. Pedro I, em 1831, retornou à França, tendo falecido em Paris a 28 de junho de 1848.

MARC E ZEPHIRIN FERREZ - DADOS BIOGRÁFICOS

Ambos irmãos, escultores, sendo o segundo também gravador. Nascidos em St. Laurent a 14 de setembro de 1788 e 31 de julho de 1797, respectivamente. Ambos freqüentaram a Escola de Belas Artes, em Paris. Vieram para o Brasil em 1817, onde deixaram magníficos trabalhos de escultura, relevo e numismática. Marc realizou os relevos em terracota da fachada do prédio da Academia Imperial de Belas Artes, bem como bustos em bronze, mármore e gesso de D. Pedro I e D. Pedro II, ambos no acervo do Museu Nacional de Belas Artes; e de outras personalidades do Império, estando algumas de suas obras no Museu Imperial, de Petrópolis, inclusive, dois bustos de D. Pedro II adolescente. Zephirin deixou inúmeras medalhas e moedas, entre as quais a da Aclamação de D. João (1818); e a Senatus Fluminensis (1823); ambos trabalharam na decoração da Casa da Marquesa de Santos, em São Cristóvão (1826-28).

Faleceram no Rio de Janeiro, o primeiro em 31 de março de 1850 e o segundo, a 22 de junho de 1851.

MANUEL DE ARAÚJO PÔRTO ALEGRE - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor, escultor, arquiteto, teatrólogo, poeta e crítico de arte. O Barão de Santo Ângelo nasceu em São José do Rio Preto, na Província do Rio Grande, em 29 de novembro de 1806. Recebeu as primeiras lições de Desenho do francês Francisco Thér, Gentil e João de Deus. A partir de 1827 foi discípulo de

Jean Baptiste Debret na classe de Pintura Histórica, constituindo com Simplício Rodrigues de Sá, Francisco de Sousa Lobo e outros, a turma de alunos fundadores da Academia, tendo sido ainda na classe de Arquitetura discípulo de Grandjean de Montigny.

Na primeira Exposição Geral, que teve lugar em 1829, apresentou, como aluno de Pintura, oito desenhos, bustos e estudos de temas históricos, um retrato de corpo inteiro do bispo do Rio de Janeiro; e como aluno de Arquitetura, seis desenhos; à de 1830, entre retratos e cópias do natural, apresentou o quadro da instalação da Academia de Medicina.

Quando da partida de Debret para a Europa em 1831, Pôrto Alegre acompanhou-o com o fito de lá aperfeiçoar seus conhecimentos, e, em Paris, freqüentou o atelier de Antônio Gross, como aluno. Após algum tempo passou a Londres, Bruxelas, Haia e Roma, de onde retornou à França, antes de voltar ao Brasil.

Em 1837 substituiu Debret na cadeira de Pintura Histórica e, em 1851, sucedendo a Félix Emílio Taunay, foi nomeado diretor da Academia, tendo sido seu quarto diretor. Seis anos depois abandonou a cátedra, ingressando em 1859 na diplomacia, tendo sido cônsul na Alemanha e em Portugal.

Como arquiteto, coube-lhe integrar, diz-se, com Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebêlo a equipe a que foi entregue a construção da ala esquerda e do corpo central de dois pavimentos do Palácio Imperial de Petrópolis, não tendo sido até agora, porém, encontrados elementos que positivassem esta afirmação, a não ser quanto à decoração.

Entre seus quadros, destacam-se os retratos do Visconde de Araguaia, de Da. Luísa Rosa, de D. Pedro I, tendo deixado inacabada a Coroação de D. Pedro II, todos no Museu Imperial de Petrópolis. Fez para a Santa Casa de Misericórdia uma Santa Ceia. Existem muitas telas suas no Museu Nacional de Belas Artes. Foi, literalmente, o pioneiro do Romantismo na pintura.

Manuel de Araújo Porto Alegre faleceu em Portugal, em 29 de novembro de 1879, exatamente no dia em que completava 73 anos.

PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor acadêmico e escritor, nasceu em 1843 em Areias, na Paraíba. Aos nove anos, incorporou-se à missão do naturalista francês Louis Jacques Brunet, viajando por Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará. Em 1854, matriculou-se no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro e, um ano depois, na Academia Imperial de Belas Artes. Em Paris, para onde viajou em 1859, como pensionista do Imperador, matriculou-se na Escola de Belas Artes, estudando com Ingres, e outros. Cursou o Instituto de Física M. Ganot e a Sorbonne, onde estudou literatura e filosofia. Em 1869, doutorou-se em Bruxelas. Voltou ao Brasil em 1864, classificando-se em 1º. lugar no concurso para a cátedra de desenho, da Academia Imperial de Belas Artes. Retornou, por dois anos, à Europa, visitando a França, a Itália, a Holanda, a Bélgica e a Inglaterra. Regressando ao Brasil, em 1869, transferiu-se para a cátedra de estética, história das artes e arqueologia. Lecionou de 1870 a 1890, quando foi jubilado. Viajando novamente para a Europa, instalou-se em Florença, montando seu atelier na biblioteca do convento da Santíssima Annunziata. Seu retrato foi exposto na Galeria Degli Uffizzi. Nessa primeira viagem, executou, por encomenda do governo brasileiro, a “Batalha de Avaí” (hoje no MNBA), e, na segunda, também a Florença, em 1886, o “Grito do Ipiranga” (hoje no

Museu Paulista). Com a Proclamação da República, elegeu-se deputado constituinte. Obras: La Science et les Systèmes (A Ciência e os Sistemas, tese de doutorado, 1889); Refutação à Vida de Jesus, de Renan. Principais telas: “Sócrates Afastando Alcibíades dos Braços do Vício”; “Moisés Sobre o Monte Nebo”; “A Carioca”; “David e Abzag”; “Joana d`Arc”; “A Noite com os Gênios do Estudo e do Amor”; “Judith com a Cabeça de Holofernes”; “Rabequista Árabe”; “Voltaire Abençoando o Neto de Franklin” (todas essas obras no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio); “Batalha de Campo Grande”; “Casamento da Princesa Isabel”; “D. Pedro II na Abertura da Assembléia Geral” (todas essas obras no Museu Imperial de Petrópolis); “Pax e Concórdia” (no Palácio Itamaraty); “Fausto e Margarida”; “Retrato do Barão de Santo Ângelo”. Além de pintor, Pedro Américo foi também caricaturista, ignorado porque não assinava as charges, nas quais fazia a crítica dos costumes do seu tempo.

Faleceu em 1905 em Florença, Itália.

VITOR MEIRELLES DE LIMA - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor e professor. Nasceu em Desterro, hoje Florianópolis, em 18 de agosto de 1832, de origem modesta. Veio para o Rio de Janeiro em 1847, matriculando-se na Academia Imperial de Belas Artes. Em 1852 ganhou o prêmio de viagem à Europa, onde freqüentou em Roma a Academia de São Lucas, sendo aluno de Minardi e Nicolau Casoni. Foi, três anos depois para Paris, aperfeiçoar-se com Paul Delaroche. De regresso ao Brasil, pintou um “São João Batista no Cárcere” (MNBA), que lhe abriu as portas para as encomendas oficiais. Após a Guerra do Paraguai, em 1870, pintou “A Passagem do Humaitá” (MHN); e a “Batalha do Riachuelo” (1876, MHN). Logo depois produziu um dos maiores quadros do mundo: “Batalha dos Guararapes” (MNBA); e a famosa “Primeira Missa no Brasil” (MNBA), sua obra mais popular. Pintou também “Moema” (MNBA), inspirado no poema de Santa Rita Durão, que iniciou o gênero de pinturas indigenistas no Brasil. Foi professor da cátedra de Pintura Histórica da Academia. Nos últimos tempos, produzia grandes painéis de 360°, de pinturas históricas, dos quais só sobrevivem os estudos para três deles: “Primeira Missa”, “Revolta da Armada” e “Rio de Janeiro”, todos eles, bem como a maior parte de suas obras, fazem parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes.

Faleceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1903.

RODOLFO AMOEDO - DADOS BIOGRÁFICOS

Desenhista, pintor e professor. Nasceu em Salvador, Bahia, em 1857. No Rio de Janeiro, aonde veio morar aos 11 anos, estudou com Albino Gonçalves, matriculando-se, em 1873, no Liceu Imperial de Artes e Ofícios, no qual foi aluno de Vítor Meireles. Em 1880, tendo ganhado o prêmio de viagem à Europa, matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes de Paris, onde estudou com Alexandre Cabanel e Puvis de Chavannes. Voltando ao Brasil, foi designado, em 1888, professor honorário de pintura da Academia Imperial de Belas Artes, cargo no qual substituiu a Vítor Meireles na cátedra de pintura histórica. Na mesma época, lecionou desenho na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1890, fez parte da comissão incumbida de transformar a Academia Imperial em Escola Nacional de Belas Artes. Dessa Escola, foi professor de pintura, vice-diretor e diretor. De Rodolfo Amoedo foram alunos, entre outros, Eliseu Visconti, Rodolfo Chambelland, Lucílio de Albuquerque e Cândido

Portinari. Obras principais: O Sacrifício de Abel (1878); Marabá (1882); Partida de Jacó; O Último Tamoio (1883); Jesus em Cafarnaum; Narração de Filetas (1887, todos no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio). Painéis dos tetos e paredes do prédio do Ministério da Agricultura, hoje CPRM, na Praia Vermelha (1908); painéis do teto da sala de sessões do antigo Supremo Tribunal Federal, hoje Instituto Herbert Levy (1909); dois painéis na Biblioteca Nacional (1910); oito painéis e dez motivos figurativos no Teatro Municipal (1916); painel da sala do plenário do Palácio Pedro Ernesto (1925); retratos de juristas no antigo Superior Tribunal Militar, no Campo de Santana; retratos de Regentes do Império e chefes do Governo Provisório no Palácio Itamaraty; decorações do Museu do Ipiranga, em São Paulo; decorações no Teatro José de Alencar, em Fortaleza. Em 1917, Rodolfo Amoedo conquistou a medalha de honra no Salão Nacional de Belas-Artes, do Rio de Janeiro.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1941.

GEORG GRIMM - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor e professor. Nasceu em Kempten, Alemanha, em 1846. Veio residir no Rio de Janeiro em 1874, depois de estudar na Academia de Belas Artes de Munique e de realizar viagens pela Europa e África. Trabalhou, inicialmente, no Rio de Janeiro, como ajudante do arquiteto-decorador Frederico Anton Staedel. Em 1879, esteve em Minas, onde realizou pinturas para a capela-mór da igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei. Em 1882 realizou uma exposição promovida pela Sociedade Propagadora das Belas Artes no Liceu Imperial de Artes e Ofícios, desta última cidade. Ainda em 1882, foi contratado para reger a cadeira de Pintura de Paisagem da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, em substituição a Leôncio da Costa Vieira, ali lecionando até 1884. Apesar do pouco tempo de magistério na Academia, pôde transformar os métodos característicos da pintura que então se fazia, passando a trabalhar ao ar livre com seus alunos (estando, entre os que mais lhe sentiram a influência, João Batista Castagnetto, Antônio Parreiras, Hipólito Boaventura Caron e Domingos Garcia y Vasquez), para captar diretamente os aspectos da natureza que se pretendia fixar na tela. Obteve a medalha de ouro de primeira classe na Exposição Geral de Belas Artes (organizada pela Academia Imperial) de 1884, prêmio também então conferido ao seu discípulo Castagnetto. A partir desse último ano, fixou-se em Niterói, mas logo se pôs a percorrer, recolhendo material para suas paisagens, a baixada fluminense até chegar a Lagoa Santa, em Minas Gerais, de onde foi obrigado a retornar por ter contraído grave enfermidade, viajando imediatamente para uma casa de saúde em Palermo, Itália, e ali falecendo em 1887. Há obras de sua autoria no Museu Nacional de Belas Artes (Vista do Cavalão); Museu Antônio Parreiras (Rochedo da Boa Viagem e Paisagem) e Pinacoteca do Estado de São Paulo (Rua de Tunis).

JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor, nascido em Itú, São Paulo, em 1850. Discípulo de Vítor Meirelles e Jules Le Chevreil, concluiu o curso da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro com medalha de ouro, seguindo para a Europa em 1876, onde freqüentou a Escola de Belas Artes de Paris. Expôs no Salão dos Artistas Franceses, em 1880. Voltando ao Brasil dois anos depois, fixou-se no Rio de Janeiro, participando da Exposição Geral de Belas Artes. No Salão Nacional de

Belas Artes, conquistou, um ano antes de morrer (1898), a medalha de ouro de primeira classe. Sua pintura, acadêmica, caracteriza-se pelo lirismo nacionalista e naturalista, fixando tipos brasileiros e especialmente do interior paulista. Obras principais: “Descanso da Modelo”, “O Derrubador Brasileiro”, “Fuga para o Egito”, Caipiras Negaceando Fumo “, “Remorso de Judas”, “Leitura”, “Amolação Interrompida”, O Importuno”, “Caipira Picando Fumo”, “Violeiro”, “Apertando o Lombinho”, “Cozinha Caipira”, “Partida da Monção”; e muitas outras, espalhadas pelo Museu Nacional de Belas Artes, Pinacoteca do Estado de São Paulo e Museu de Arte de São Paulo. Suas obras foram incluídas na Exposição de Pintura Religiosa (1943), Retrospectiva da Pintura no Brasil (1948), Um Século de Pintura Brasileira (1952), Paisagem Brasileira Até 1900 (1953), II Bienal de São Paulo (1954-55), e Mostra Itinerante Arte da América Latina Desde a Independência.

Por ocasião dos centenários de seu nascimento e morte (1950 e 1999), o governo do Estado de São Paulo promoveu uma retrospectiva de sua obra.

BIBLIOTECA NACIONAL - AVENIDA RIO BRANCO

As origens da Biblioteca Nacional remontam a 1810, quando o Príncipe D. João mandou instalar a Real Biblioteca num sobrado da rua do Carmo, onde funcionou o antigo Hospital da Ordem do Carmo. Em 1855, a biblioteca mudou para um prédio maior, na rua do Passeio, onde hoje está a Escola Nacional de Música. Logo se mostrou incapaz para receber as inúmeras doações, fora o depósito legal. Quando se iniciou a abertura da avenida Central, em 1903, resolveu o Governo do Presidente Rodrigues Alves erguer uma nova sede para a Biblioteca Nacional.

Projetou o novo edifício no ano de 1904 o arquiteto e Coronel Francisco Marcelino de Souza Aguiar, em estilo renascimento francês, bastante inspirado no edifício da Escola Militar de Paris, no Campo de Marte. Apresenta o prédio imponente escadaria que leva ao primeiro andar, todo circundado de colunas coríntias. Acompanhando a escadaria, existe o corpo avançado de colunas coríntias que sustentam um frontão, onde se vê no centro uma figura de mulher, representando a Sabedoria, ladeada de diversos motivos e figuras alusivos ao “Estudo” e “Meditação”. Ali trabalharam, dentre outros artistas, Henrique Bernardelli, Modesto Brocos, Rodolfo Amoedo e Eliseu Visconti. Os dois afrescos do salão de entrada foram executados pelo pintor americano Biddle. O prédio da biblioteca foi inaugurado em 1910 pelo Presidente Marechal Hermes da Fonseca.

A sua pujança reside sobretudo na pujança de seu acervo, enriquecido por diversas doações famosas. É a sétima biblioteca do Mundo, a maior da América Latina, com oito milhões de volumes, ressaltando os dois exemplares da Bíblia de Mogúncia, dos primeiros livros impressos no mundo; a edição princeps dos Lusíadas, de 1572, os exemplares da Coleção De Angelis, a Coleção Teresa Cristina Maria, doação de D. Pedro II, etc. Juntam-se diversos manuscritos dos mais expressivos para a história brasileira.

O prédio foi tombado pelo Iphan em 1972.

FRANCISCO MARCELINO DE SOUSA AGUIAR - DADOS BIOGRÁFICOS

Militar e arquiteto, nasceu a 02 de julho de 1855 na Bahia, tendo vindo para o Rio de Janeiro, onde sentou praça a 02 de janeiro de 1869 na Escola Militar, na Praia Vermelha. Alferes aluno a 10 de janeiro de 1874. 2º. Tenente a

31 de maio de 1875. 1º. Tenente a 13 de junho de 1876, tendo neste posto concluído o curso de engenharia, pelo respectivo regulamento sendo em seguida nomeado Instrutor-Geral da Escola de Tiro de Campo Grande. Capitão a 08 de fevereiro de 1879, tendo a partir desta data servido no Rio Grande do Sul, em comissão de engenharia militar, tendo construído quartéis em Bagé e outras localidades e teve a seu cargo a demarcação das nossas fronteiras com o Uruguai. Ficou nessa função até fins de 1888. Major graduado a 15 de dezembro de 1888; efetivo a 28 de junho de 1889.

Tenente-Coronel graduado a 21 de março de 1891; efetivo a 07 de julho do mesmo ano, quando comandou o Batalhão de Engenharia e nessa época organizou dois projetos de quartéis, um para a infantaria e outro para a cavalaria. Em 1892 foi nomeado secretário do Ministro da Guerra e designado membro da Comissão que representou o Brasil na Exposição de Chicago, tendo projetado o Pavilhão que ali representou o nosso país.

Nas vésperas da sua partida para os Estados Unidos, o Marechal Floriano o incumbiu da confecção do projeto para o Hospital Central do Exército, o qual concluiu antes de embarcar.

Apesar dos seus numerosos afazeres, o Governo o nomeou Diretor-Geral dos Telégrafos, no período em que mais acesa corria a revolta de 1893. Tendo pedido exoneração do seu cargo, o requerimento foi indeferido “a bem do serviço público”. Nomeado Comandante da Escola Militar do Rio Grande do Sul, nesse cargo pouco se demorou porque o Governo mandou chamá-lo para comandar o Corpo de Bombeiros, onde ficou por seis anos. Nesse período, foi promovido a Coronel a 22 de março de 1894, por merecimento. Em 1898, projetou a estação do Corpo de Bombeiros no Campo de Santana e fez outro projeto para estabelecimento semelhante em Niterói. Promovido a General de Brigada a 24 de novembro de 1904. Nesse ano, foi designado pelo Governo para projetar o Pavilhão do Brasil na exposição de St. Louis, nos Estados Unidos, merecendo medalha de ouro por seu projeto. Posteriormente, tal pavilhão foi, por ordem do Governo, desmontado e remontado no final da avenida Central (Palácio Monroe). Foi-lhe dado prazo de um ano para esta tarefa. Fê-lo em quatro meses. Projetou no mesmo ano o prédio da Biblioteca Nacional, inaugurada em 1910 na avenida Central, e fez a reforma do Palácio Isabel, em Laranjeiras, inaugurando a nova fachada em 1908 com o nome de Palácio Guanabara.

No Governo Afonso Pena, foi nomeado Prefeito do Distrito Federal (1906-09), tendo, neste período de três anos, terminado todas as obras de seu antecessor, bem como o Quartel dos Bombeiros, no Campo de Santana (1908); o Teatro Municipal, na Praça Marechal Floriano (1909); o Pavilhão Mourisco, na Praia de Botafogo (1907); e muitíssimas outras mais, tendo criado escolas (Barão de Macaúbas, Campos Sales, Barth, etc.) e hospitais, dentre eles um que posteriormente foi batizado com seu nome.

General de Divisão graduado a 10 de fevereiro de 1911. General de Divisão a 19 de abril de 1911. Reformado a 31 de maio de 1911. Pertenceu à arma de engenharia.

Faleceu no Rio de Janeiro a 10 de novembro de 1935.

ANTIGO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL - AV. RIO BRANCO
Encimado por uma estátua da justiça, era destinado inicialmente para Palácio Arquiepiscopal. Foi projetado em 1904 em refinado ecletismo pelo

arquiteto espanhol Adolpho Morales de Los Rios, que se inspirou, de acordo com o destino original do edifício, “no estilo romano dos edifícios pontifícios da renascença” (com o acréscimo de torreões com cobertura metálica).

A construção, iniciada em 1904, foi passada para o Supremo Tribunal Federal, haja vista o Cardeal Primaz D. Joaquim Arcoverde ter considerado o local muito atribulado para um palácio cardinalício. Foi inaugurado como tribunal em 31 de março de 1909. No interior, o hall tem uma bela escada com gradil em mármore e um vitral colorido representando a justiça. Merece destaque a porta principal em madeira finamente entalhada, com trabalho atribuído ao entalhador português José Ferreira Tunez.

O prédio, tombado pela municipalidade, está sendo restaurado para sediar o museu da Justiça Federal (Instituto Herbert Levy), haja vista a transferência do Supremo para Brasília, em 1960 e a mudança da Justiça Federal, para as novas instalações da rua Acre, em 1995.

PRAÇA FLORIANO (CINELÂNDIA)

O "Largo da Mãe do Bispo" ganhou em 1910 o monumento ao Marechal Floriano Peixoto, segundo Presidente da República, obra do escultor Eduardo de Sá. Passou a praça a ser oficialmente batizada como "Marechal Floriano". Não é o único monumento no local. Existem também os de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Paulo de Frontin, Francisco Serrador e Carlos Gomes. Isso sem contar o "Obelisco", inaugurado em 1905 no final da Avenida Central (oferta do eng. Antônio Januzzi), bem como o chafariz francês de Henry Savageau, comprado por D. Pedro II em 1876 e que já perambulou pelas Praças XV de Novembro e Bandeira, pousando em 1977 na Praça Mahatma Gandhi, onde existiu até o ano anterior o Palácio Monroe, burramente demolido. Na mesma praça está o monumento ao Mahatma Gandhi, inaugurado em 1949 homenageando o pacifista indiano assassinado dois anos antes.

O Palácio do Museu de Belas Artes foi inaugurado em 1908, projeto do arquiteto espanhol Adolfo Morales de Los Rios, inspirado na ala "Visconti" do Museu do Louvre. Originalmente abrigava a Escola Nacional de Belas Artes, herdeira da "Real Academia de Artes e Ofícios", fundada por D. João em 1816 com os artistas oriundos da Missão Artística Francesa. Em 1937 o Presidente Getúlio Vargas criou o Museu de Belas Artes, que, na década de setenta, ocupou todo o prédio, haja vista a escola ter sido transferida para a Ilha do Fundão. É o quinto museu do mundo em número de peças, com 15.000 obras que vão da Idade Média aos nossos dias, especialmente as da escola acadêmica brasileira.

O Palácio em estilo eclético da Biblioteca Nacional foi inaugurado em 1910, projeto de Souza Aguiar, inspirado na Escola Militar de Paris. Foi levantado para abrigar a Biblioteca Nacional, herdeira da "Real Biblioteca", fundada em 1810 nos fundos do Convento do Carmo por D. João. É a oitava maior biblioteca do mundo, com sete milhões de volumes, fora incunábulos, manuscritos e documentos avulsos.

O edifício do antigo Supremo Tribunal Federal foi levantado em 1910 por Morales de Los Rios para ser "Palácio Episcopal". Nunca o foi, haja vista o Cardeal D. Joaquim Arcoverde haver construído em 1912 um edifício próprio na Glória, também projetado por Morales de Los Rios. Foi ocupado pelo STF

até 1960 e pela Justiça Federal até 1995, estando prevista sua adaptação para ser transformado em breve no centro cultural da justiça.

MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO PEIXOTO - CINELÂNDIA

Monumento existente na praça do mesmo nome, na Cinelândia, obra do escultor e pintor Eduardo de Sá, vencedora de concurso público. Floriano Vieira Peixoto nasceu em Alagoas, a 30 de abril de 1839, e faleceu em Divisa, hoje Floriano, no Estado do Rio de Janeiro, a 29 de junho de 1895. Presidente do Brasil de 1891 a 1894. As quatro esculturas da base de sua estátua, representam “Caramuru”, poema de Santa Rita Durão; “I Juca Pirama”, de Gonçalves Dias; “Evangelho das Selvas” de Fagundes Varela; “Cachoeira de Paulo Afonso”, de Castro Alves; quatro obras de nossa literatura. No topo, a figura do Marechal, envolta pela bandeira nacional, segura pela imagem feminina da República. Há também homenagens a Anchieta, José Bonifácio e outras figuras pátrias. Foi inaugurado a 21 de abril de 1910, e mede 17 metros de altura.

FLORIANO VIEIRA PEIXOTO - DADOS BIOGRÁFICOS

Militar e político, nasceu em Ipióca, Alagoas, a 30 de abril de 1839. Educado no Rio de Janeiro, fez brilhante curso na Escola Militar. Quando capitão, seguiu para a campanha do Paraguai (1864-70), onde revelou sua intrepidez como comandante do 9º. Batalhão de Infantaria, participando das batalhas de Uruguaiana (1865), Tuiuti (1866), Itororó (1868), Lomas Valentinas (1869) e Aquidabã (1870), epílogo da mais agigantada guerra em que já se empenhou o Brasil. De lá voltou tenente-coronel, condecorado com as ordens honoríficas do Império.

Em 1889, como ajudante general e militar de prestígio, desempenhou importante papel na Proclamação da República. Estimado por seus conterrâneos, foi feito senador pela Assembléia Constituinte, e trabalhou ativamente na organização da nova forma de governo. Eleito vice-presidente, em 1891, com a renúncia do Marechal Deodoro em novembro do mesmo ano, foi presidente de 1891 a 1894. Na presidência, levantou o estado de sítio e revogou a dissolução do Parlamento, decretos de seu antecessor. Lutou pela consolidação do novo regime e contra o militarismo, tal o seu respeito aos sagrados sentimentos liberais. Sua permanência no poder irritava os políticos civis, que almejavam chegar à presidência pelo voto popular. Em 1893, controvertida a legalidade da permanência de Floriano na presidência sem consulta ao povo, através de eleições, foi lançado o “manifesto dos treze generais”, que terminou com a reforma de 11 deles e a transferência de dois para a segunda classe. Seguiram-se tumultos populares: em São Cristóvão e São Diogo foram cortadas as linhas telefônicas e telegráficas e destruídos os condutos de água.

Jugulados esses movimentos, estalou em fevereiro de 1893 no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista, pela posse do governo estadual; sete meses depois, a 06 de setembro, em inteligência com os revoltosos do Sul, irrompeu no Rio de Janeiro a Revolta da Armada, chefiada pelo contra-almirante Custódio José de Melo. Durante cinco meses travaram-se duelos de artilharia na Baía de Guanabara. O movimento se alastrou pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Mas a chegada da esquadra nova encomendada nos Estados Unidos e Europa e a decidida atitude com que

agiu Floriano puseram fim a essa sedição, com a derrota em terra e mar dos oposicionistas.

Ficaram famosas suas frases “A República não pode periclitir em minhas mãos” e, quando o cônsul norte-americano perguntou-lhe como receberia uma ajuda militar daquele país, altivamente respondeu “À Bala!”

Sua energia justificou-lhe o cognome de “Marechal de Ferro” e sua inflexibilidade ideológica, o de “Consolidador da República”.

Após entregar o poder ao seu sucessor eleito, Prudente de Moraes, retirou-se à vida privada, vindo a falecer em Divisa, hoje Floriano, no Município de Resende, a 29 de julho de 1895. Foi enterrado no Cemitério de São João Batista, no Rio.

EDUARDO DE SÁ - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor e escultor. Nasceu no Rio de Janeiro em 1866. Frequentou a Academia Imperial de Belas Artes, do Rio de Janeiro, a partir de 1873, como aluno de João Zeferino da Costa, Vítor Meirelles e Pedro Américo de Figueiredo e Mello, partindo em seguida para Paris, onde estudou na Academia Julien. Conquistou medalha de ouro na Exposição Internacional de Turim (1911). Possuem trabalhos de pintura de sua autoria o Museu Nacional de Belas Artes; Museu Histórico Nacional, no Castelo; Museu da República, no Catete; a Fundação Raimundo Ottoni de Castro Maia (Chácara do Céu, em Santa Teresa - Proclamação da República no Campo de Santana); e a pinacoteca do Palácio do Ingá, em Niterói (Retrato de Benjamim Constant); devem citar-se ainda, no mesmo gênero, a tela Tiradentes e o Retrato de José Bonifácio (ambos no Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia). Como escultor, executou o monumento à Floriano Peixoto, na Cinelândia (1910-11); e os bustos de Vítor Meirelles e Castro Alves, todos no Passeio Público do Rio de Janeiro. Merece especial citação o monumento à São Francisco de Assis, obra do autor e que se encontra na Praia do Russel, na Glória.

O artista faleceu no Rio de Janeiro em 1940.

MONUMENTO A JUSCELINO KUBITSCHKEK – CINELÂNDIA

Pequeno e tocante monumento, constituído por um busto em bronze do ex-presidente e base de concreto. Erguido originalmente por seus admiradores em 1961. Foi destruído por um grupo de oficiais militares ressentidos saídos do Clube Militar logo depois da vitória do golpe militar, em 1º de abril de 1964. Reconstituído após a abertura política, em 1983 pelo obscuro “Partido da Mobilização Nacional” (PMN). A escultura é obra do artista Zanucchi.

JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA – DADOS BIOGRÁFICOS

Um dos mais importantes presidentes brasileiros, J.K. foi médico e político de carreira. Nasceu em 1902, em Diamantina, de uma família tradicional, cujos antepassados migraram da antiga Tchecoslováquia (hoje República Tcheca) para Minas Gerais no início do século XIX.

Órfão de pai ainda criança, estudou as primeiras letras com sua mãe, Da. Júlia, professora pública em Diamantina. Em 1921, foi nomeado, após concurso, telegrafista. Em 1927, concluiu o curso de medicina, especializando-se em cirurgia, em Paris. Em 1931, foi nomeado capitão-médico da Polícia Militar de Minas Gerais. No ano seguinte, participou da Revolução de 1932, onde arriscou a vida em atos de heroísmo. Isso lhe valeu na interventoria de

Benedito Valadares, em 1933, exercer as funções de secretário do governo. Elegeu-se deputado federal após a promulgação da Constituição de 1934, perdendo o mandato em 1937, após Vargas promulgar nova Constituição e a ditadura do Estado Novo, a 10 de novembro. Três anos depois, foi nomeado Prefeito de Belo Horizonte pelo então governador Benedito Valadares. Em 1946, elegeu-se deputado à Assembléia Nacional Constituinte. Em 1950, candidatou-se ao governo do Estado de Minas Gerais, derrotando Gabriel Passos. Em 1955, elegeu-se presidente da República, derrotando Juarez Távora, Ademar de Barros e Plínio Salgado. Seu governo caracterizou-se pelo impulso ao desenvolvimento econômico, a construção das represas de Furnas e Três Marias, a implantação da indústria automobilística, a construção de estradas de rodagem, Belo Horizonte-Brasília, Belém-Brasília, Brasília-Acre, a criação da SUDENE e, do que chamava de “meta-síntese”, a construção de Brasília e a mudança da capital para o planalto central de Goiás, o que se deu a 21 de abril de 1960. No governo Jânio Quadros, em 1961, elegeu-se senador por esse Estado, não exercendo o mandato. Em 1964, com relutância, comandou pessoalmente a votação do PSD no Senado, elegendo para a Presidência da República o marechal Castelo Branco, chefe do golpe militar ocorrido a 1º. de abril do mesmo ano. Logo depois, teve por decreto desse presidente o seu mandato cassado e os seus direitos políticos suspensos pelo prazo de dez anos. Residiu em Paris dois anos, fazendo conferências em países da Europa e Estados Unidos. Em 1968, tentou junto com seus antigos adversários Carlos Lacerda e João Goulart criar um partido de oposição ao regime militar, a Frente Ampla, iniciativa que lhe valeu a prisão quando retornou ao Brasil naquele ano.

Recolhido à vida privada, dedicou-se aos negócios bancários como Presidente do Conselho de Administração do Banco Denasa de Investimento S/A. Escreveu muitos livros versando principalmente sobre sua carreira, e tentou candidatura à Academia Brasileira de Letras, iniciativa vetada pelo governo militar. Quando preparava seu retorno à vida política, morreu em consequência de um acidente automobilístico na Avenida Presidente Dutra, na altura de Resende, em 1976.

Seu enterro contou com grande presença de populares, apesar do constrangimento do regime militar. Ainda hoje alguns admiradores consideram sua morte como suspeita.

MONUMENTO A CARLOS GOMES – PRAÇA FLORIANO – CINELÂNDIA

Em 1939, foi doada à municipalidade do Rio de Janeiro uma estátua do compositor polonês romântico Frederic Chopin, oferta da comunidade polonesa do Rio de Janeiro. Na falta de lugar melhor, foi colocada defronte ao Teatro Municipal, onde permaneceu por 21 anos. Em 1959, por sugestão do barítono Paulo Fortes, foi proposto que em seu lugar se colocasse uma estátua do maestro e compositor brasileiro Carlos Gomes, falecido em 1896. O monumento marcaria o início da temporada lírica nacional de 1960.

Fortes pessoalmente mandou recolher a imagem de Chopin à noite, frustrando assim os defensores que alegavam ser possível a convivência dos dois gênios da música numa mesma praça. Na mesma ocasião, o mestre polonês foi levado ao poético recanto da Praia Vermelha, local onde hoje ainda permanece.

A 16 de janeiro de 1960 era inaugurada a nova estátua de Carlos Gomes, no pedestal da anterior e igualmente bem em frente ao Teatro Municipal. A obra foi custeada pela Secretaria de Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal, sendo assentada pela engenheira Elsa Osborne. A estátua é cópia de uma realizada há mais de oitenta anos por Rodolfo Bernardelli e colocada em Campinas, cidade onde Carlos Gomes nasceu em 1836.

Rodolfo Bernardelli retratou Carlos Gomes no momento em que terminava uma regência e pedia silêncio à orquestra para os aplausos da platéia. Ironicamente, o local onde se encontra é dos mais barulhentos da área central da cidade.

Vale lembrar que dentro do Teatro Municipal, existe um busto em bronze de Carlos Gomes esculpido por Bernardelli, colocado no hall de acesso às cadeiras no 1º andar. Existe ainda outro busto em Paquetá, bem como um teatro homenageando o maestro, esse na Praça Tiradentes.

CARLOS GOMES – DADOS BIOGRÁFICOS

Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas, SP; a 11 de julho de 1836, filho do músico Manoel José Carlos Gomes. Ainda nos albores da vida já se manifestava nessa criança a vocação musical.

O pai a todos os filhos transmitiu seus conhecimentos instrumentais. Carlos Gomes se revelou cantor e entregava-se à composição das modinhas que o tornaram popular; ao mesmo tempo estudava piano e violino. De talento artístico, aos 18 anos compôs sua primeira “Missa” e dois anos depois já era compositor de músicas sacras e maestro substituto da banda local. Solicitado pelos estudantes de Direito a compor o “Hino Acadêmico”, deles tornou-se ídolo pelo valor demonstrado. Aconselharam-no a vir para o Rio de Janeiro a fim de melhor desenvolver seus dotes musicais.

Aqui, em 1859, inscreveu-se na Escola Nacional de Música onde foi seu professor de Harmonia o maestro Gianini.

Ao concluir o curso, compôs uma cantata, premiada pela Congregação do Conservatório e executada em concerto oficial, no encerramento das aulas. Obteve o libreto da “Noite do Castelo” e “Joana de Flandres”, encenadas no Teatro Lírico Fluminense; depois do que o governo promoveu-lhe uma viagem de estudos à Europa em 1864. Em breve afirmou-se contrapontista e enviou ao Imperador D. Pedro II, seu protetor, uma belíssima “Fuga”.

Lendo na Itália a obra de José de Alencar, “O Guarani”, sentiu a pátria revivida em sua alma e, sob a inspiração da saudade, compôs a ópera “O Guarani”, cantada no Teatro Scala de Milão, em 19 de março de 1870. Giuseppe Verdi, depois de aplaudi-lo publicamente, disse: “Este moço começa por onde eu acabei”.

Dois anos depois nova ópera subia no Scala “Fosca” com importante profonia e belíssimos trechos de canto. Compôs ainda “Salvador Rosa” de invulgar triunfo, na península itálica e cuja profonia guerreira fez vibrar o entusiasmo das platéias; recebeu nessa ocasião uma batuta de ouro que os fluminenses lhe ofereceram e uma coroa de ouro dos campineiros. Na Bahia, em 1880, teve uma recepção apoteótica, compondo, então, e executando, o “Hino a Camões”. De retorno à Itália, compôs ainda as óperas “Condor”, “Schiavo”, “Colombo” e “Maria Tudor”.

O governo do Pará convidou-o em 1895 para diretor do Conservatório de Música do Estado, pôsto em que faleceu, em Belém, a 16 de setembro de

1896. Deixou quase pronta a ópera “Moema” e fragmentos do “Cântico dos Cânticos”.

Carlos Gomes, dotado de intensa inspiração musical, conhecia os segredos do equilíbrio orquestral, modulando com facilidade. Nas suas partituras impera a riqueza melódica, exuberante, espontânea e vibrante. Deixou numerosos hinos, canções e peças de dança. Podemos situa-lo no mais alto posto entre os compositores dramáticos do mundo.

CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA CINELÂNDIA - CENTRO

Na Praça Marechal Floriano, sobrevivem cinco dos primeiros arranha-céus da cidade: Praça Floriano, 55; rua Francisco Serrador, 2; rua Álvaro Alvim, 24 e 48; e Praça Mahatma Gandhi, 2.

No local, existiu desde 1742 o Convento da Ajuda, de freiras franciscanas, demolido em outubro de 1911. Pretendia o Governo ali construir o Palácio do Congresso Nacional, idéia logo esquecida. Por alguns anos, ali funcionou um circo, até que em 1919 os terrenos foram alienados ao empresário espanhol Francisco Serrador, que mandou edificá-los com os primeiros prédios altos em concreto armado.

Até então, o mais alto edifício comercial do Rio de Janeiro era um sobrado com cinco pavimentos na rua Gonçalves Dias. O primeiro a ser erguido foi o “Capitólio”, em 1919, com doze pavimentos. O último, foi o “Odeon”, a 27 de julho de 1924, que foi considerada a data de inauguração do famoso “Quarteirão Serrador”, como ficou conhecido.

Quase todos eles eram dotados de cinemas (Capitólio, Odeon, Pathé) ou bares (Amarelinho, Vermelhinho, etc.) no pavimento térreo, revolucionando a vida noturna da cidade, dando o povo o apelido de “Cinelândia” ao lugar, que logo pegou. Foram todos projetados pelo escritório da Companhia Construtora de Cimento Armado, fundada por Silvio R. Riedlinger (o mesmo que projetou a estrutura dos hotéis Glória e Copacabana Palace), que contou com a colaboração dos calculistas Emílio Baumgart (que projetou o “Capitólio” e, depois, o edifício “A Noite”), Jermann, dentre outros.

Como estilo, todos ficaram com fachadas ecléticas, algumas muito belas (como a do Capitólio). Como curiosidade, vale ressaltar que a tecnologia da época não permitia que se construísse edifícios colados uns nos outros devido às largas sapatas de fundações, de modo que surgiram entre os edifícios diversos becos estreitos (hoje ruas), muito procurados pelos freqüentadores da noite.

Hoje, estes edifícios são tombados pela municipalidade.

PRAÇA MAHATMA GANDHI - CINELÂNDIA

Esta praça surgiu em 1903/05, quando foi aberta a avenida Central. Em 1904, o Coronel Francisco Marcelino de Souza Aguiar projetou o pavilhão brasileiro na grande Exposição de Saint Louis, comemorativa da incorporação daquela unidade à federação americana. O dito pavilhão recebeu a grande medalha de ouro da exposição. Resolveu então o governo brasileiro desmontá-lo e remontá-lo no final da avenida Central, o que foi feito pelo próprio Coronel Souza Aguiar. Foi inaugurado com a 36ª Conferência Pan-americana em 1906, quando batizaram-no de Palácio Monroe, em homenagem ao presidente norte-americano, autor da doutrina do nacionalismo político americano.

O Palácio foi utilizado então para festas e convenções, servindo novamente como pavilhão de exposições da grande Exposição internacional comemorativa do Centenário da Independência, em 1922. De 1922 a 25 sediou a Câmara dos Deputados e, à partir de 1925, até 1960, o Senado da República. Ocupado pelo Estado Maior das Forças Armadas, de 1960 a 69, ficou vazio por alguns anos, havendo proposta de adaptá-lo para ser a Prefeitura do novo Município do Rio de Janeiro, em 1975, ou um museu. Foi demolido criminosamente em 1976 por ordem expressa do Presidente Ernesto Geisel, desafeto pessoal da família Souza Aguiar. Muito de sua decoração foi leiloadada, inclusive os vitrais e leões da escadaria.

O Prefeito Marcos Tamoyo aproveitou o descampado para nele colocar em 1977 o chafariz que estava esquecido desde 1962 na Praça da Bandeira. Executado em meados do século XIX pelo artista Louis Savagau, e fundido em ferro na afamada fundição Val D`Osne, no Alto Marne, França. Esteve por algum tempo dentro do Palácio de Cristal, em Londres. Comprado por D. Pedro II em 1878, foi instalado no Largo do Paço, donde o removeu o Governador Carlos Lacerda, em 1962, para a Praça da Bandeira.

Quanto à praça, teve por muitos anos o nome de Getúlio Vargas, até que, em 1949, foi inaugurada em seu recinto a estátua pedestre em bronze de Mohandas Karamanchad Gandhi, dito "Mahatma" "a grande alma", líder pacifista indiano, brutalmente assassinado em 1948. Em 1983, intentou o Governador do Rio de Janeiro remover dali o chafariz e erguer um monumento em homenagem à Getúlio Vargas, iniciativa muito combatida pela imprensa, haja vista existir uma herma em bronze a poucos metros dali, bem como uma avenida e uma instituição com o nome do político gaúcho. No final da década de 90, deram-lhe o nome de Praça do Monroe, como era popularmente conhecida.

Recentemente, voltou ao nome original.

MONUMENTO AO MAHATMA GANDHI – PRAÇA MAHATMA GANDHI – CINELÂNDIA – CENTRO

Mohandas Karamchad Gandhi nasceu na Índia, a 02 de outubro de 1869. Fez seus estudos lá e na Inglaterra, onde se formou em Direito e exerceu a advocacia. Regressou à Índia, foi membro do Tribunal Superior de Bombaim. Transferiu-se para a África do Sul, onde trabalhou como advogado e promotor. Na guerra sul-africana, cooperou com as forças britânicas num corpo de ambulância hindu; igualmente na revolta dos Zulus, em 1906, quando começou sua vida ascética diante das injustiças praticadas contra imigrantes hindus, na África do Sul. Abandonou a advocacia e entregou-se à luta pelas reivindicações sociais e políticas de seus compatriotas, em 1908.

Por diversas vezes foi preso por chefiar campanhas de desobediência civil. Ao irromper a 1ª. Grande Guerra, em 1914, estava na Inglaterra e recrutou estudantes hindus para o serviço das ambulâncias na frente ocidental. Em 1915, regressou à Índia e encetou campanha política pelo governo autônomo; organizou movimento político religioso em 1919 e resistência passiva à dominação inglesa, chamado Movimento Nacionalista Indiano. Em 1922, foi preso e condenado a 6 anos, mas ao fim de 2 anos, foi libertado; preso novamente, foi solto para participar da Conferência da Mesa Redonda, em Londres. Fracassando aí, regressou à pátria, reencetando a mesma campanha.

Vários jejuns se sucederam em favor de sua gente e de sua pátria. Num deles que durou 11 dias, só se alimentou de caldo de limão diluído em água, o que o levou a extrema debilidade.

Foi presidente do Congresso. Em 1934, retirou-se da política para voltar em 1939. Após a emancipação da Índia em 15 de agosto de 1947, dedicou-se à união do povo de seu país. Jejuou várias vezes, na obtenção da paz entre os muçulmanos e hindus. Quando dirigia preces públicas em Nova Delhi, foi assassinado por um fanático a 31 de janeiro de 1948. Seu corpo foi cremado e as cinzas lançadas no rio Ganges, em 12 de fevereiro de 1948.

Sua ação intensa, profícua e dedicada, granjeou-lhe o título de Unificador e Pacificador do Povo Indiano.

Mahatma vem do sânscrito. Palavra hindu que significa: Grande Alma, Espírito Superior ou Sobrenatural. É anteposto ao nome daquele que se sobressai pelo saber, pela santidade ou virtude.

O Monumento ao Mahatma Gandhi é em bronze e de autoria do escultor hindu Sankho Chanduri, e foi inaugurado neste local em 1949.

OBELISCO - AVENIDA RIO BRANCO - CINELÂNDIA

Marcando o fim da avenida Central, e ficava na época à beira mar, foi projetado, “à feição das agulhas faraônicas”, no escritório técnico da Comissão Construtora da Avenida Central e executado pela firma Januzzi & Irmão. Aliás, todo o gnaisse facoidal nele utilizado foi extraído do morro da Viúva, no Flamengo, e doado à municipalidade pelo construtor Comendador Antônio Januzzi (1855-1949). Com 28m de altura e pesando 20 toneladas, sua fatura igualmente foi objeto de doação do comendador, que desejava assim expressar o agradecimento por ter sido o empreiteiro principal das obras da avenida.

Diz a placa comemorativa: “Sendo Presidente da República S. Excia. O Snr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e Ministro da Indústria Viação e Obras Públicas o Exmo. Snr. Dr. Lauro Severiano Müller, foi decretada, construída e inaugurada a Avenida Central, executando os trabalhos a Comissão Construtora tendo como engenheiro chefe o Dr. André Gustavo Paulo de Frontin. 15 novembro de 1902 - 15 novembro 1906”.

O Obelisco é tombado pela municipalidade.